



Jardinagem agroflorestal na educação formal: uma experiência no Distrito Federal

Fabiana Mongeli Peneireiro¹
Helena Maria Maltez²
Paulo Henrique Nêve³

¹ Mutirão agroflorestal, fabiana_agroeco@yahoo.com.br

² Mutirão agroflorestal, helena.m.maltez@gmail.com

RESUMO

Em 2009, o Mutirão Agroflorestal foi contratado pela escola Vila das Crianças, (Santa Maria – DF) para realizar atividades pedagógicas em Agroecologia com cerca de 100 educandas. Nessa escola, vivem 800 moças cursando do 7º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. As jovens, de baixa renda, são oriundas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País. A escola possui uma área de plantio, porém degradada. Entre as práticas pedagógicas utilizadas, estão: plantio, manejo, exibição de filmes e *slides*, observação e prática reflexivas, desenhos, danças, poesia. Diferentes tipos de plantio são feitos para mostrar possibilidades e criar um laboratório vivo. Temas importantes em Agroecologia como biodiversidade, cobertura do solo, não uso de insumos químicos e agricultura familiar são tratados. Onde havia um deserto, hoje há mais de 100 espécies de plantas com produção de hortaliças e frutas. A transformação da área fortaleceu nas jovens a confiança em poder mudar a realidade. Há jovens interessadas em saber mais, inclusive profissionalmente. Este trabalho demonstra a importância de a Agroecologia estar presente na educação formal desde a mais tenra idade.

Palavras-chave: Educação agroflorestal; Jovens; Mulheres, Agroecologia.

Introdução

Em setembro de 2009, uma equipe da ONG Mutirão Agroflorestal - núcleo Brasília foi contratada pela escola Vila das Crianças para desenvolver um curso relacionado à Agroecologia, com foco em jardinagem agroflorestal, por meio de oficinas semanais, aos sábados, das 8h às 12h, junto a cerca de 100 educandas entre 14 e 17 anos que cursam 8º ou 9º anos do Ensino Fundamental. A Vila das Crianças é uma instituição de ensino onde vivem 800 moças, em regime de internato, cursando do 7º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio profissionalizante. Está



localizada em Santa Maria – DF, cidade-satélite de Brasília, e é mantida por uma organização filantrópica denominada Instituto Social Irmãs de Maria de Banneux.

As educandas são oriundas de pequenos municípios do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País, como São Félix do Xingu, Redenção, Conceição do Araguaia e Tucumã (PA), Maranhãozinho, Maracaçumé, Rio Doce e Presidente Médici (MA), Conceição e Araguaína (TO) e Canabrava (BA). Esses municípios estão submetidos à forte pressão socioambiental devido à expansão do agronegócio. Os métodos de produção agrícola geralmente utilizados nessas regiões são agressivos ao meio ambiente, de baixa produtividade e excludentes socialmente. São, portanto, incapazes de manter os agricultores familiares em suas propriedades, obrigando-os muitas vezes a migrar em busca de emprego para outras regiões ou para a cidade, o que vem provocando o inchaço das grandes cidades e todos os problemas sociais e ambientais decorrentes do êxodo rural, com redução da qualidade de vida desse contingente populacional. Todas as educandas da Vila das Crianças provêm de famílias de baixa renda.

A escola possui uma extensa área sem construções, e apenas uma pequena parte vinha sendo utilizada, antes do início do curso de jardinagem agroflorestal, com plantios incipientes ou mal manejados sobre uma terra degradada, gerando resultados insatisfatórios e frustração nas educandas interessadas em cultivar a terra. A partir da realização do curso, ao longo do tempo, foram implantados canteiros agroflorestais, círculos de bananeiras, hortas agroflorestais e mandalas de hortaliças, visando demonstrar as muitas possibilidades de plantios agroflorestais e criar um laboratório vivo para apresentação de conceitos e técnicas a partir da vivência. Onde no início havia praticamente um deserto, hoje existem mais de 100 espécies de plantas. Na área de plantio, já foram colhidos alface, tomate, couve, cenoura, beterraba, milho, abóbora, feijão, sementes de adubos verdes (guandu, feijão-de-porco, mucuna, crotalária), maxixe, quiabo, mandioca, batata-doce, maracujá, mamão, banana, limão, manga, cará-do-ar e cúrcuma. A transformação da área como fruto da intervenção das educandas fortaleceu nelas a confiança em sua capacidade de transformar a realidade.

A práxis — que significa a intervenção na realidade e a reflexão sobre a prática — em diálogo com a teoria é a tônica do fazer pedagógico desenvolvido na experiência relatada. Sendo assim, com a prática de plantio e manejo da área da escola, as reflexões



relacionadas à alimentação; produção de alimentos; conservação do solo e da água; importância da biodiversidade; sementes e uso de agrotóxicos, e a relação de todos esses temas com a autonomia dos agricultores e qualidade de vida, emergem naturalmente. No curso, são utilizados diversos métodos e estratégias pedagógicas visando propiciar o máximo interesse e aprendizagem: exibição de filmes com posterior discussão; apresentação de slides; exercícios para formulação de perguntas criativas; atividades de observação; diálogo com outras experiências agroecológicas; leitura de textos; prática seguida de reflexão e apresentação de conceitos, desenhos, danças; elaboração de poesia; e, especialmente, prática de plantio e manejo na área da escola. Conceitos basilares da Agroecologia como biodiversidade, cobertura do solo e não uso de insumos químicos vêm aos poucos sendo incorporados pela escola. Algumas jovens relataram a aplicação dos seus conhecimentos em seus locais de origem durante o período de férias escolares. Há educandas que expressaram o interesse em aprofundar seus conhecimentos em Agroecologia, inclusive do ponto de vista profissional. A direção da escola reconhece o papel do curso no fortalecimento da liderança nas jovens mulheres.

Refletindo sobre os fundamentos para a Educação em Agroecologia a partir da experiência de jardinagem agroflorestal na Vila das Crianças

Todo processo educativo é impulsionado por determinada intencionalidade que fundamentalmente se caracteriza pela escolha em se manter o *status quo* ou transformar a realidade. A experiência aqui relatada propõe uma Educação em Agroecologia que visa transformar a realidade no sentido da construção de sociedades sustentáveis, que sejam mais justas, fraternas, onde a relação dos seres humanos entre si e com o ambiente seja pautada na ética do cuidado, do respeito e da cooperação, valores estes imprescindíveis para que haja qualidade de vida, bem estar para todas as pessoas das gerações presentes e futuras, bem como para todos os outros seres vivos, incluindo o planeta Terra.

A Educação em Agroecologia não diz respeito simplesmente ao repasse de informações ou técnicas, mas, sim, ao instigar a reflexão crítica sobre o mundo no qual vivemos e o mundo que queremos (Freire, 1987), concebendo a Terra como um planeta vivo, do qual fazemos parte (Lovelock, 2006; Gadotti, 2009), reposicionando o ponto de



vista de um viés antropocêntrico para uma consciência planetária, procurando educar, assim, para “um outro mundo possível”.

Educar para um outro mundo possível é educar para ter uma relação sustentável com todos os seres da Terra, sejam eles humanos ou não (Gadotti, 2008, p. 108).

Além disso, a visão positivista de progresso e desenvolvimento, diante da crise civilizatória que vivenciamos, deve ser questionada e podemos construir nosso próprio caminho, e não reproduzir um ideal propalado pelos países ditos desenvolvidos para cujo padrão propõem que nos direcionemos. Diante disso, é altamente relevante o desenvolvimento de valores fundamentais para se fortalecer a paz e a perpetuação da vida, em todas as fronteiras, uma relação simbiótica positiva entre o ser humano e a natureza e entre aquele e seus semelhantes, o que refletirá em uma sociedade justa e solidária. Acreditamos que essa deva ser a tônica da Educação em Agroecologia.

Em consonância com a Ecopedagogia (Gutierrez e Prado, 2002) ou a Pedagogia da Terra (Gadotti, 2000, 2009), que contribuem para a educação para a cidadania planetária, a prática educativa realizada na Vila das Crianças, a partir das oficinas de jardinagem agroflorestal, visa o desabrochar do ser humano integral, desenvolvendo a sensibilidade, a observação, a autonomia, a postura crítica e reflexiva, contextualizada, sempre considerando o outro (ser humano ou outro ser vivo) como legítimo outro (Maturana, 2006), buscando, a partir da prática, gerar mais vida no lugar da intervenção, e também considerando o planeta como um todo (Götsch, 1995). Isso significa que a postura parasitária do ser humano com relação ao planeta e de senhor diante de todas as outras espécies é questionada, e procura-se, com a prática, mudar radicalmente essa marca cultural que todos nós carregamos. As jovens também são estimuladas a pensar sobre as consequências socioambientais do modelo de sociedade na qual vivemos, movida pela lógica capitalista da exploração e do lucro, com a qual sofrem as pessoas e a natureza, os oprimidos dos quais nos fala Paulo Freire.

Muitas das jovens são oriundas da zona rural ou vivem uma realidade rururbana, e, considerando que atualmente a maioria dos jovens que vivem na zona rural deseja ir para as cidades, refletimos com elas sobre a desvalorização da vida camponesa, tão presente em nossa sociedade do consumo. Ao vivenciar a prática agroflorestal, percebemos que a atividade de lidar com a terra, com a vida, é das mais dignas e valorosas e pode trazer autonomia e qualidade de vida para as pessoas. Outro valor que orienta a experiência é o de que a transformação da sociedade é possível, que cada um



de nós pode contribuir para a construção do presente e do futuro. A transformação só se dá com a prática; e o aprendizado, com a práxis, a reflexão sobre a ação. Praticar, não só discursar, é fundamental, e a coerência entre o discurso e a prática é dos valores mais caros.

A razão de ser da educação não é apenas o ato de capacitar instrumentalmente produtores humanos, por meio da transferência de conhecimentos consagrados e em nome de habilidades aproveitáveis. Antes disso, e muito mais além disso, ela é o gesto de formar pessoas na inteireza de seu ser e de sua vocação de criarem-se a si mesmas e partilharem com os outros a construção livre e responsável de seu próprio mundo social da vida cotidiana (Brandão, 2003, p. 21).

Ao focarmos na agrofloresta como sistema de produção sustentável, partimos do princípio de que o planeta Terra tem como estratégia de ser a complexificação da energia solar em vida e processos de vida (Götsch, 1995), e otimizar esse mecanismo, potencializando a neguentropia em detrimento da entropia (Leff, 2001) é a forma mais consistente de se promover a sustentabilidade ambiental.

[...] a pergunta pela sustentabilidade se apresenta como um problema sobre o sentido da vida. [...] A sustentabilidade se funda na capacidade de vida do planeta fundada nesse fenômeno negentrópico¹ único — a fotossíntese — que permite transformar a energia radiante do Sol em biomassa (Leff, 2001, p. 409).

Já que, nas condições tropicais, as florestas são os sistemas mais eficientes nesse aspecto, por se constituir por uma grande diversidade de espécies com necessidades ecofisiológicas diferentes, organizadas em múltiplos estratos, a agrofloresta é o sistema de produção similar ao ecossistema original do lugar (no nosso caso, tropical e subtropical), mais coerente com as estratégias ecológicas, de fluxo de matéria e energia, que otimizam processos vitais (Götsch). Se não trabalharmos com árvores e acúmulo de matéria orgânica, nossos sistemas de produção, por mais que não se utilizem de agrotóxicos e adubos solúveis, serão altamente demandantes de energia e de insumos (mesmo que orgânicos ou considerados aceitáveis na agricultura orgânica). Assim, os princípios fundamentais que orientam nosso trabalho em Agroecologia, com relação aos sistemas de produção, é a otimização dos processos de vida (a natureza trabalhando a nosso favor, e nós, em seu favor), o acúmulo de matéria orgânica no solo, sobre ele e na vegetação (energia complexificada) e a manutenção dos sistemas de produção semelhantes em sua forma e função aos ecossistemas originais do lugar (Götsch, 1995),

¹ Neguentropia diz respeito ao potencial de organização da natureza, à sua capacidade de, num sentido contrário à entropia, gerar organização e energia em um grau elevado ainda de transformação, podendo ser exemplificado pela fotossíntese e processos de homeostase dos organismos vivos (Leff, 2001)



os quais evoluíram em milhares de anos para se adaptarem de maneira ótima às condições edafoclimáticas reinantes. Nesse contexto, o uso de insumos externos, por exemplo, de esterco, no nosso caso, deve ser visto como algo passageiro, transitório, até que o sistema alcance um estado de acúmulo de quantidade e qualidade de vida consolidada (Göstch) tal que prescindia de insumos para fertilizar o solo. A biodiversidade dá conta do equilíbrio dinâmico no sistema para se evitar o uso de agrotóxicos ou mesmo caldas com produtos inseticidas (mesmo naturais, aceitos na agricultura orgânica).

Com a agroflorestal, desenvolve-se o sentimento de pertencimento, de reconexão com a natureza e se percebe que fazemos parte de um sistema inteligente, que se autorregula, e não somos “os inteligentes”, o agente principal que deve manipular todos os seres em função dos nossos interesses. Pelo contrário, na lógica da sustentabilidade, nossos interesses devem se coadunar com o aumento da qualidade e quantidade de vida no sistema e também em todo o planeta, e isso só pode se dar no diálogo com as pessoas, as plantas, os animais, todo o sistema. Assim, é fundamental abrir nossos canais de percepção e nos colocarmos numa postura de escuta sensível (Barbier, 2007), de sempre aprendizes, curiosos, experimentadores, capazes de acertar e errar, e aprender com nossos erros.

Metodologias e práticas pedagógicas utilizados na Vila das Crianças

O fazer cotidiano da experiência em Educação em Agroecologia na Vila das Crianças é orientado, do ponto de vista metodológico, pelos seguintes princípios e valores:

- A prática (e práxis) em busca do aumento crescente na quantidade e qualidade de vida no lugar da nossa intervenção.
- A cooperação como forma de relacionamento entre as pessoas e entre as pessoas e o ambiente natural em que vivem. O estímulo à cooperação, em vez da competição, levando à postura de desejo de contribuir para o coletivo.
- A disposição em ouvir todas as necessidades, pontos de vista, opiniões e reflexões.
- O respeito e estímulo à diversidade: de opiniões, de abordagens, de ferramentas pedagógicas, de técnicas, de afinidade com o objeto de estudo e interesse por cada atividade proposta, etc. Cada ser humano é diferente do outro e a diversidade entre as pessoas constitui ao mesmo tempo uma oportunidade e um desafio. O despertar do



desejo de aprender e praticar acontece de diferentes formas para cada ser humano. Utilizar uma grande diversidade de estratégias pedagógicas aumenta a probabilidade de alcançarmos um maior número de educandas.

- Como educadores, ficamos atentos em dar o exemplo, ou seja, em sermos educadores que são seres humanos coerentes com aquilo que dizem. Esforçamo-nos para evitar o discurso vazio. Sabemos que somos uma referência em termos de comportamento, postura e coerência. Ser um exemplo a seguir como pessoa, com a afetividade que cria a identificação.
- O aprendizado com a observação sensitiva, analítica e crítica. Exercitar o olhar para a observação atenta e profunda é um dos passos importantes na Educação em Agroecologia para que seja possível identificar as ações necessárias ao aumento da quantidade e qualidade de vida consolidada no lugar onde atuamos.
- O papel da prática não somente como “treino” do que foi aprendido, mas, principalmente, como fonte de inspiração para a apresentação de conceitos e técnicas, para provocar inquietações e perguntas que movam a aprendizagem rumo à construção de conhecimentos e saberes significativos.
- O “erro” como oportunidade e fonte de aprendizagem, e não como algo que causa sofrimento e que deva ser evitado a qualquer custo. Nesse sentido, ao contrário de “castigar” por um erro, ele é analisado e discutido para descortinarmos os aprendizados a ele inerentes.
- Perguntas e inquietações das aprendizes como ponto de partida. Quando uma pessoa pergunta algo, está realmente interessada em saber. Por isso, estimulamos a curiosidade e a elaboração de perguntas significativas e criativas. Uma boa pergunta é um bom indicador de que está havendo aprendizagem significativa. Para elaborar uma boa pergunta, é necessário estar realmente interessado no assunto e ter compreendido os conceitos que lhe dão base.
- O calendário anual do curso segue a lógica do calendário agrícola: agosto de um ano, com início das chuvas em outubro/novembro, a junho do ano seguinte, época de colheita. Com isso, tentamos trazer uma reflexão sobre o quanto o homem segue a lógica da natureza ou, ao contrário, tenta submeter a natureza à sua lógica.
- Estímulo da criatividade. A criatividade é a base para todo trabalho pautado pelos princípios da Agroecologia. Em sistemas de produção diversificados e adaptados às



realidades locais, não há como haver receitas, modelos ou formatos prontos. É necessário conhecer os princípios que regem o funcionamento de tais sistemas e, a partir da observação analítica e profunda, elaborar e testar diferentes formas de intervenção. Ao longo das oficinas, a liberdade criativa emerge da construção de um repertório comum de conceitos e práticas.

- Avaliação e autoavaliação. Acreditamos que o aprendiz deve ser protagonista do seu processo de aprendizado. Como aplicação desse princípio, estimulamos, ao longo dos processos de avaliação, que as educandas olhem para seu processo de aprendizagem e avaliem por si mesmas o quanto aprenderam e o quanto investem em energia no processo de aprendizagem. Avaliamos, também, periodicamente, o nosso fazer pedagógico e a efetividade das nossas práticas e atividades.

- Trabalhos de mergulho intelectual individual. Produção de texto, realização de uma prática específica de plantio — enfim, autoconhecer-se — são intercaladas com atividades de grupo em que a interação entre os participantes do grupo constitui parte do processo de aprendizagem. Por um lado, a educanda tem a oportunidade de se revelar, de se desafiar a realizar algo por sua própria conta, de se autoconhecer. Por outro lado, ela também tem a oportunidade de desenvolver as habilidades necessárias à convivência no coletivo.

- Coerência entre o discurso e a prática. A forma como trabalhamos do ponto de vista metodológico no processo de ensino-aprendizagem se empenha em ser coerente com os conceitos apresentados sobre o funcionamento da natureza e da agrofloresta. Por exemplo: se acreditamos que, na natureza, cada organismo atua no ambiente de forma a deixá-lo mais rico com sua intervenção, agimos do ponto de vista metodológico na prática pedagógica no sentido de estimular que cada educanda dê o melhor de si contribuindo para que todo o trabalho seja mais produtivo e cheio de vida. Outro exemplo: se acreditamos que, na natureza, a regra geral é a da cooperação, estimulamos que as aprendizes sejam cooperativas umas com as outras e evitamos atividades que promovam a competição entre elas.

A metodologia utilizada procura, portanto, ser coerente com os fundamentos discutidos anteriormente, quais sejam: o da transformação da realidade por meio da prática, o da práxis como estratégia e prática, o da contextualização do cotidiano, o de deixar um salto positivo da nossa estadia no planeta e, fundamentalmente, o da busca de



um novo modo de estar no mundo que promova paz e felicidade. Nesse sentido, as diretrizes metodológicas utilizadas no cotidiano da experiência relatada são, principalmente, o olhar crítico, a autonomia, a solidariedade e o pertencimento.

Métodos, técnicas, atividades e recursos pedagógicos utilizados no cotidiano da experiência

- 1) Apresentação dos princípios e conceitos fundamentais à compreensão de como funcionam os sistemas de produção agroecológicos. Fazemos algumas apresentações utilizando *slides* com muitas fotos ilustrativas e seguimos apresentando novos conceitos ao longo das práticas de planejamento, plantio e manejo agroflorestais.
- 2) Planejamento, plantio e manejo. Incluem desde o desenho das áreas a serem implantadas, a produção de mudas, coleta e beneficiamento de sementes, produção de biofertilizante, cuidado e manutenção das ferramentas de campo até a preparação dos canteiros, plantio e manejo.
- 3) Exibição de filmes seguida de discussão e produção de texto. Alguns dos filmes exibidos foram *A história das coisas*, *O veneno está na mesa*, *Nesse chão tudo dá*, *Policultura no semiárido* e *Agricultores e agricultoras que plantam árvores no cerrado*, além de curtas da série Anima Mundi, como *A roda* e *A vida*.
- 4) Leitura, discussão e produção de textos. Entendemos que o prazer pela leitura abre um universo infinito de possibilidades de construção do conhecimento. Por isso, estimulamos a leitura de todos os tipos e levamos alguns textos da área de Agroecologia para que leiam e escrevam a partir do diálogo com os textos lidos.
- 5) Estímulo à formulação de perguntas significativas, conforme discutido anteriormente.
- 6) Diálogo com outras experiências por meio de filmes e textos. Como exemplo, pedimos às educandas da Vila das Crianças para escreverem textos nos quais estabelecessem um diálogo com jovens da Cooperafloresta, cujas falas foram publicadas em um boletim.
- 7) A arte como exercício de criatividade e de desenvolvimento de uma concepção do *belo*. Na estética e na ética, arte e natureza se encontram e dialogam. Fazem parte da nossa rotina a dança, o desenho e a música. O teatro surge em situações especiais como nos Festivais Agroflorestais, sobre os quais falaremos adiante.



A construção do conhecimento na Educação em Agroecologia

A construção do conhecimento se realiza a cada momento e é estimulada pela diversidade de ferramentas, estratégias, provocações e linguagem utilizadas. Buscamos dar qualidade a essa construção por meio de uma aproximação real entre o objeto de estudo (a Agroecologia com ênfase na agrofloresta) e a vida concreta e cotidiana das educandas, seja aquela vivida em seus locais de origem, seja a vivida no dia a dia da Vila das Crianças, já que, como destacam Gutiérrez e Prado (2002) “A vida cotidiana é o espaço privilegiado de aprendizagem” (Gutiérrez e Prado, 2002).

Em todas as atividades realizadas, seja a produção de um texto a partir da análise de um filme ou outro texto, seja a realização de uma prática de plantio, o que se busca é que a energia despendida gere ao mesmo tempo um resultado concreto em termos de transformação da realidade (por exemplo, a produção de hortaliças), assim como um resultado abstrato em termos de aprendizagem cognitiva e intelectual. Desejamos que cada oficina vivida contribua para um salto qualitativo em termos de conhecimento para todos os envolvidos, inclusive nós, educadores. Para isso, consideramos essencial o movimento intelectual de refletir, analisar, pensar, realizar conexões e concluir. Para isso, estimulamos a elaboração de perguntas e a ação. Percebemos que uma ferramenta desafiadora, nesse contexto, é a produção de textos.

Uma das estratégias mais eficientes na construção e consolidação do conhecimento é a transformação da aprendiz em educadora. Ensinar é uma das formas mais efetivas de consolidar a aprendizagem. Ao se tornar uma educadora, a educanda toma consciência do que foi aprendido, o que eleva a autoestima e estimula o desejo de aprender mais. Relatos como “Eu não sabia que sabia tanto” são comuns. Algumas das atividades realizadas nesse sentido são os Festivais Agrofloretais, a visita de pessoas de fora da escola, como, por exemplo, estudantes do curso superior em Agroecologia do Instituto Técnico Federal. A cada nova turma, algumas das educandas que participaram do ciclo anterior podem ser monitoras das novas alunas, assumindo o papel de ajudar no seu processo de aprendizagem.

Ao final do ciclo de 1 ano, realizamos dois tipos de Festival Agroflorestral. Um deles é voltado às alunas do 6º e 7º anos que não participam do curso. O outro é feito



para visitantes externos que apresentam interesse em conhecer a experiência, como estudantes de cursos ligados à Agroecologia e praticantes agroflorestais.

Uma das fontes incontestes da construção do conhecimento é a realização de atividades práticas de plantio e manejo acompanhados de análise, apresentação de conceitos e reflexão. Além da verificação do resultado do seu próprio trabalho, observar o trabalho das companheiras e dialogar a partir dessa observação também têm resultado em avanços significativos na construção do conhecimento.

Colheita

Reproduzimos abaixo trechos extraídos dos textos produzidos pelas educandas ao longo do semestre, entre fevereiro e junho de 2012, a partir de algumas das atividades descritas anteriormente.

Diálogo (virtual) com jovens da Cooperafloresta:

“Trabalhar em grupo é certamente uma experiência maravilhosa. Quando trabalhamos em grupo, mesmo que seja com pessoas de que não gostamos, aprendemos a conviver, e o principal... aprendemos a aceitar diversas opiniões diferentes.” (Allana)

“Fique sabendo que do que eu mais gosto é cuidar da minha área, pois sinto que as plantinhas também se sentem felizes por estarem sendo cuidadas por mim.” (Ana)

“Fazendo agrofloresta com amor espalhamos a vida na terra, assim a natureza se difunde sobre ela, e a vida no mundo fica mais feliz.” (Andreia)

“No meu contexto, a agrofloresta é tudo isso e ainda muito mais, pois ela funciona como um psicólogo para mim, pois geralmente, quando as pessoas estão muito estressadas e cheias de problemas, elas procuram psicólogos e pagam muito caro. Já para mim, a melhor forma é mexer, brincar, conversar e refletir junto com as plantas. Elas fazem que o que faz as pessoas ficarem sufocadas desapareça e tornam tudo uma infinita pureza.” (Daiane)

“Isso é a beleza da natureza, nos mostrando que, se nós cuidarmos bem do solo, ele nos retribuirá. O mais interessante é que, quanto mais colocamos matéria orgânica, mais úmido (molhado) o solo fica, e pode ficar por vários dias úmido.” (Ione)

“Com certeza, o que eu aprendi hoje eu vou levar para a vida toda e ainda ajudar as pessoas que não sabem ‘plantar’ (plantar todos sabem, no entanto como cuidar do



que foi plantado é que eles não sabem). Por isso é que devemos passar nossos conhecimentos para todos os que precisam, assim você ajuda o meio ambiente e o agricultor ou o dono de uma hortinha pequena ou grande. Conscientizá-los a não usar agrotóxicos em suas lavouras e não matar os insetos nem jogar veneno nem fazer queimadas.” (Janaína)

“Eu já tive a experiência de dar carinho a uma planta e à outra dar desprezo. A que recebeu carinho logo cresceu e me forneceu bons frutos. Ao contrário da outra, pois não teve bom crescimento e logo morreu. Com isso, aprendi que devemos cuidar bem e dar carinho a todas, pois elas sentem o que transmitimos a elas.” (Joelma)

“Na agrofloresta, eu aprendi muito além do que lições de vida, eu aprendi a me comunicar tanto com as pessoas quanto com as plantas, e isso foi o mais importante.” (Joice)

“No nosso trabalho, em menos de 1 ano, já estava tudo verde, sendo que começamos no meio do ano de 2011 e o trabalho de agrofloresta continua indo de bom para muito melhor. E, cada vez que eu planto uma árvore e essa árvore nasce, eu, com muito orgulho, fico feliz porque essa planta muitas vezes ajuda a natureza a repor suas árvores que foram destruídas pelo homem.” (Josilene)

“Aqui na Vila, o nosso objetivo é fazer com que daqui a uns tempos as irmãs não precisem mais comprar frutas e verduras, mas, sim, só colher.” (Karine)

“Eu não tinha noção do que era compostagem, cobrir o solo. Para mim, nós não plantávamos árvores, elas nasciam sozinhas.” (Maria)

“Aqui na escola, trabalhamos em grupo. O nosso dia começa assim: às 8h, estamos todos reunidos em local específico, os nossos professores trazem músicas sobre a natureza para a gente dançar e refletir, depois os professores explicam o que devemos fazer naquela manhã, e, quando os professores terminam de falar, vamos para a área. Isso é um pouco do que acontece na agrofloresta da Vila das Crianças.” (Mariana)

“Agrofloresta é um jeito novo de lembrarmos do nosso passado quando vivíamos nas matas sem ter medo de bichos. Mas agora muitos só pensam em comprar, comprar, comprar. E a vida? E a natureza? Como é que fica?” (Mieli)

“No mundo não tem coisa melhor do que passar para os outros aquilo que se aprendeu e aprender com os outros aquilo que não sabemos. A nossa aprendizagem se



baseia nos ensinamentos dos outros, mas cabe a cada um agarrar a oportunidade e fazer a diferença. Com a agrofloresta sou mais feliz...” (Mirian)

“É tão bom aprender coisas novas como é bom ensinar o que aprendemos. O conhecimento é algo que ninguém pode nos tirar.” (Naiane)

“Na agrofloresta, somos educadoras e educandas de nós mesmas, pois, no decorrer de uma oficina, a gente ensina as coisas que sabemos, as pessoas que estão nos ensinando adquirem novos conhecimentos e passam o que sabem para nós e, em conjunto, ganhamos conhecimento.” (Sarah)

Frases escritas pelas aprendizes depois de assistirem a *Agricultores e agricultoras que plantam árvores no cerrado*:

“Também achei muito interessante o Ricardo, porque hoje em dia os adolescentes não querem saber da natureza, e sim de curtição. Gostei, pelo menos um adolescente se importa com a natureza.” (Allana)

“E o mais interessante que eu achei mesmo foi a união de diferentes agricultores, reunindo-se em um só lugar para falar sobre os seus trabalhos realizados em seu cotidiano.” (Bruna)

“Foi bonito ver a força que esses agricultores têm. Uma mulher falou que resolveu ir para um lugar onde estava tudo desmatado, até as águas já estavam sem vida. Quando aprendemos a mexer com a natureza, nossa alma aprende a crescer, pois Deus nos mostra que precisamos dela para sobreviver.” (Crislane)

“Fiquei surpreendida com a quantidade de pessoas de vários lugares diferentes e com os diferentes tipos e maneiras de plantar.” (Elizane)

“Uma coisa que me chamou a atenção foi a valorização das sementes do cerrado, e nunca pensei que fosse importante e que alguém no mundo fazia grandes trabalhos com ela.” (Fernanda)

“O mais interessante para mim foi a demonstração de como fazer ‘clones’ de plantas, sem precisar de tecnologia, ao contrário, precisa é da natureza.” (Francinalva)

“Gostei muito de saber que pelo Brasil existem pessoas que não pensam somente em si, mas também nos seres ao seu redor (animais). Achei muiiiiiito interessante as trocas de informações que cada agricultor transmitiu um para o outro.” (Maria Laura)



"Gostei muito do Ricardo, pois ele é um rapaz tão jovem e que está preocupado com o planeta. Ele é exemplo, né? Ele pode, ele motiva os outros jovens a se interessarem pela natureza. Dona Eunice também é uma pessoa já idosa que se preocupa com a natureza, sendo que ela poderia estar em casa dormindo, comendo ou fazendo outras coisas, mas não, ela está ali junto com os agroflorestais aprendendo e ensinando o que ela sabe fazer." (Mariana)

Ao pedirmos para compararem os filmes *O veneno está na mesa* e *Policultura no semiárido*, foram produzidos os seguintes textos:

"Em muitos lugares que possuem plantações, os trabalhadores jogam muito veneno. Isso acaba prejudicando a nossa saúde. Por isso, temos que parar com o agrotóxico, pois, se isso continuar, não teremos uma saúde boa. É apenas plantar, cuidar com carinho e parar com o veneno." (Alana)

"No filme *Policultura no semiárido*, fala que uma terra em que não se encontra insetos é uma terra morta." (Ana Lúcia)

"Eu notei que há vários tipos de solo, que pode se distinguir em várias cores diferentes. Mas uma coisa sempre é igual. Sempre tem uma parte preta em cima do solo, e ele pode ficar preto se nós colocarmos bastante matéria orgânica." (Bruna)

"Quando a monocultura passa a ser uma prática que as pessoas acreditam em lucrar mais, isso não é para sempre, porque o solo fica desgastado e vem o uso dos agrotóxicos. Ao contrário disso, podemos ter uma verdadeira diversidade de plantas que irão sustentar muitas pessoas." (Cirene)

"A vida do ser humano é difícil de entender. Apesar de ter uma natureza maravilhosa, o homem só pensa em tecnologia para poder fazer e ter uma natureza que produza, produza. E os animais? E a própria natureza se torna como um nada, sem valor. Mas quem faz agrofloresta sabe que a nossa natureza vale mais que ouro, dinheiro, e só percebem que o solo tem esse valor as pessoas que vivem e precisam dele para mudar a sua vida e a vida da humanidade." (Crislane)

"Além da fartura, existe a alegria e satisfação do solo, que se torna diferente, com uma melhor saúde." (Fernanda)

"No filme do sertão, as pessoas plantam sem máquinas, porém com ajuda de agrônomos especializados. Eles buscam técnicas simples para melhorar o solo e ter



plantas com frutos saudáveis, para consumir e compartilhar com as pessoas e ter um solo com fertilidade." (Flávia)

"Fico muito triste que muitos desses alimentos (contaminados por agrotóxicos) são consumidos no dia a dia de muitas pessoas. Isso ocorre devido ao homem querer viver por meio do dinheiro e pensar apenas em lucrar e se esquecer de que a natureza sofre com tudo isso." (Joice)

"O filme da semana passada falou de como as pessoas não pensam o que esses agrotóxicos vão causar. Só querem lucrar e não ligam para o que acontecerá com elas." (Josilene)

"O segundo filme mostra que as pessoas que moram no sertão, no começo, faziam queimadas, mas depois elas conheceram a policultura, que não utiliza nenhum agrotóxico nem faz queimadas. Plantam várias espécies de plantas, árvores, leguminosas, frutas, entre outras. Eles cobrem o solo para que fique de boa qualidade." (Késia)

"Os insetos trazem vida para a planta. Ele não está lá para ser uma peste, mas, sim, para nós percebermos quando uma planta está ruim e precisando de carinho." (Nercília)

"No segundo filme, eles aproveitam as sementes da própria terra, e, no filme 1, eles usam as sementes industrializadas." (Suane)

Em uma avaliação realizada ao final do ciclo, em junho de 2012, as educandas responderam às perguntas propostas:

1) O que é agrofloresta?

- É uma técnica de plantio onde plantamos com muita diversidade, utilizando uma planta como estrutura para a sobrevivência da outra que será plantada em conjunto. (Daiane)

- Agrofloresta é uma prática, uma vivência, que várias pessoas realizam para acabar com agrotóxico, monocultura e coisas que prejudicam a natureza. Nós ajudamos a fazer um mundo melhor. (Karine)

- É saber se comunicar com a natureza. Saber plantar as plantas fazendo com que elas se comuniquem entre si. Plantar em abundância. (Lorena)



- É uma maneira de aprendermos a cuidar do solo, é uma vida que através dela mudamos nossa maneira de pensar, agir e de cuidar do nosso meio. É a maneira de nos mostrarmos sempre em sintonia com o mundo, fazendo o melhor para que ele não se acabe. (Ana Paula)

- É a busca da vida e da paz que foi esquecida há muito tempo. É considerar que a natureza é linda e que podemos diversificar ainda mais. (Abigail)

- Agrofloresta para mim foi tudo que aprendi durante todo o semestre, cultivar, plantar, colher, dar carinho e sempre manter um diálogo com as plantas. (Ana Lúcia)

- É uma tecnologia de muita criatividade. É uma vida natural, a qual traz benefícios para nós e principalmente para o meio ambiente. É uma forma de preservação. (Flávia)

- Para mim é um lugar de convivência com a natureza, lugar de aprendizado. (Maísa)

2) O que deve ser feito para recuperar a fertilidade de um solo degradado?

- Utilizar restos de matéria orgânica como suporte de nutrientes, além de também podermos cortar as próprias plantas adubadeiras para a cobertura e proteção do solo. (Daiane)

- Cobri-lo com bastante matéria orgânica, aguar bem para que o solo fique úmido e que possa proporcionar a vida a vários insetos benéficos que nos ajudam a fertilizar. (Gessiane)

- Pôr matéria orgânica, em alta quantidade, para a água que se encontra no local não ir com a enxurrada nem evaporar. (Kamila)

- Primeiro, plantamos plantas que conseguem viver bem no solo seco e, depois, vamos plantando outras coisas aos poucos para ir recuperando o solo e criar vida nele. (Layane)

- Colocar bastante matéria orgânica, adubar bem e molhar no período da seca. Plantar as plantas que conseguem superar e modificar o solo. (Cirene)

- Devemos cobrir bem o solo e plantar árvores, hortaliças e plantas em geral para que o solo fique cheio de bichinhos e atraia pássaros e animais em geral. (Ana Heloísa)

3) O que você aprendeu participando das oficinas de jardinagem agroflorestal?

- Muita coisa, como perder a timidez, principalmente, plantar, colher, irrigar e comer hortaliças. (Bruna)



- Primeiramente, a cuidar de um solo, depois como a cobertura é muito importante, os valores dos animais, o valor que tem uma agrofloresta, a podar e até mesmo refletir na vida. (Darlene)
- Aprendi que a natureza não é uma simples fornecedora de alimentos, mas de vida em abundância. (Ianca)
- Aprendi que a natureza faz parte de nós, que ela precisa de água como nós, que ela precisa de nutrientes. Enfim aprendi a podar, como fazer um canteiro, como cuidar das ferramentas. (Josilene)
- Bem, eu aprendi a plantar, colher, podar, fazer mandalas, dançar em roda e trocar conhecimento. (Karlla)
- Bom, aprendi muita coisa, como: plantar, cuidar do solo, agradecer à natureza, preservar o planeta, cobrir o solo, aguar certas plantas, diferenciar plantas de sol e de sombra. (Karine)
- Aprendi que, sempre que estivermos em um grupo, devemos interagir com o grupo. Também aprendi que nem sempre tudo é do nosso gosto, mas é para o nosso benefício. (Letícia)
- Aprendi a ter amor pelas plantas, plantá-las, cuidar, ser uma pessoa mais pensativa e amorosa (estudante).
- Aprendi a cuidar do solo e das plantas. Aprendi como plantar, colher, adubar, regar... Além disso, aprendi que o contato com a natureza nos deixa feliz, pois a natureza é uma grande psicóloga. (Maria Laura)
- Aprendi sobre sucessão de plantas, como cuidar do solo, como manejar, preparar mudas de árvores, preparar mudas de hortaliças e várias coisas que beneficiam a natureza. (Ana Heloísa)
- Aprendi a ser mais participativa, a ter mais cuidado e carinho com as plantas e insetos, fazer coisas de que não gostava de fazer e que nunca tinha feito. (Ana Karolina)
- Tudo como: plantar bananeira, plantar mandioca, cuidar da natureza, falar com as plantas, ter amor aos bichinhos. Enfim, coisas incríveis aprendi. (Isabela)
- Várias coisas, como: plantar, ter abundância sem precisar de agrotóxico. (Janaína)
- Eu aprendi como cuidar do solo e das plantas desde bebezinhas até quando estão adultas. Aprendi também a plantar, aprendi coisas que poderei levar para a vida toda e até passar para outras pessoas, principalmente agricultores. (Maria Edna)



5) Escreva um pouco mais sobre a atividade de que você mais gostou de realizar durante este semestre:

- Gostei muito da atividade de ensinar para os visitantes e também para as meninas da 6^a série e da 7^a, pois elas mostraram o interesse pelo projeto agroflorestal. Sinceramente, amei outros dias, mas esses foram dias maravilhosos. (Luiza)

- Eu gostei do manejo, pois ao manejar aprendi muitas coisas, assim fui perdendo meu medo dos bichinhos. Agora sei que foi muito importante. (Willayanne)

- Foi quando eu escrevi textos e consegui expor a minha forma de pensar sobre aquilo de que eu ficava com vergonha de falar. (Ianca)

- A atividade de que mais gostei foi poder compartilhar meus conhecimentos com outras pessoas. Nesta atividade, vi que eu usei várias coisas e posso passá-las com facilidade. Gostei muito. (Karine)

- Plantação. Eu gosto muito de plantar e de mexer com a natureza, pois isso faz com que meditemos um pouco sobre o futuro que virá. (Karla)

- Bem, de tudo, mas do que gostei mesmo foi plantar, colher e cuidar das áreas; ter sempre novos conhecimentos. Também a partilha ao final das oficinas, pois alguma coisa que eu não sabia pude conhecer, e poder compartilhar o que conheci. (Leticia)

- A atividade de que eu mais gostei de realizar foi a das danças, pois foi um método que encontrei para entender a natureza. (Thainne)

- Do que eu mais gostei foi a hora do plantio, pois eu não sabia a que profundidade plantava-se uma planta, mas com o tempo eu aprendi e agora minha vontade é de plantar e me tornar uma agricultora no futuro! (Valéria)

- Foi bem bacana e interessante, o preparo dos canteiros. Gostei muito, porque eu sempre gostei de fazer canteiros, mas não sabia a maneira correta. Hoje me sinto segura para passar meus conhecimentos para outras pessoas. (Ana Lúcia)

- Eu gostei muito de pintar mandalas. E plantar, me interessar por uma coisa que antes nem imaginava plantar, nunca foi comigo, mas agora amo plantar. (Janaína)

- Visualizar as fotos das árvores, em que percebemos a diferença do antes e do depois. (Joice)

- Plantar árvores que eu não conhecia e fazer um canteiro com tanta diversidade. (Nercília)



- Eu gostei muito de quando as meninas da 6^a e 7^a séries nos visitaram e eu pude perceber o tanto de coisas que eu sabia e passei meus conhecimentos para elas. (Tatianne)

- Assistir a filmes nos ajudou a ter um “raciocínio” sobre a forma de plantar e colher. (Sarah)

- Fazer o livro da Vila das Crianças, pois é superinteressante passar conhecimento para as outras pessoas. (Ylmara)

7) Você se sente capaz de ensinar o que aprendeu a outras pessoas? Por quê?

- Sim, pois eu aprendi bastante como cuidar da natureza e me tornei também uma pessoa mais quieta e comportada. Temos que compartilhar os nossos conhecimentos para que o mundo fique cada vez mais com abundância florestal! (Ianca)

- Sim, pois tenho muitas coisas interessantes que aprendi com meus mestres queridos. São coisas que quero passar não só para as minhas amigas da Vila, mas também para meus familiares e, se for possível, para o mundo todo. (Eliana)

Conclusões

O curso de jardinagem agroflorestal na Vila das Crianças resultou na modificação radical da paisagem da escola, assim como na incorporação de práticas importantes nos plantios de base agroecológica, como a diversificação e a cobertura do solo. Os resultados obtidos evidenciam a importância de a Agroecologia estar presente na educação formal desde os primeiros anos, na mais tenra idade.

Os trechos, acima copiados, dos textos produzidos ao longo das oficinas evidenciam a importância da diversificação de estratégias, ferramentas e práticas pedagógicas. Diferentes atividades, por exemplo, chamaram mais a atenção de uma ou outra educanda. No conjunto, a diversificação contribuiu para que, de alguma forma, conquistemos o interesse, a atenção e a dedicação das educandas.

Entre outros, dois desafios que vêm se destacando na experiência relatada são a inserção do curso no contexto da escola, por meio, inclusive, da área de plantio como laboratório para outras disciplinas; e a ausência de manejo da área durante o período de férias escolares, especialmente em janeiro, que é a época do manejo mais importante pós-plantio.



Bibliografia

- BARBIER, R. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 280p.
- BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003. (série Saber com o Outro v. 1)
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987. 184p.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000. 217p. (Série Brasil cidadão)
- GADOTTI, M. **Educar para a sustentabilidade**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. 127p.
- GÖTSCH, E. **O renascer da agricultura**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1995.
- GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez, 2002. 128p. (Guia da Escola Cidadã v. 3)
- LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001. 494p.
- LOVELOCK, J. **Gaia: cura para um planeta doente**. São Paulo: Cultrix, 2006. 192p.
- MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 203p.



Figura 1 – Estado inicial da área de plantio (2009).



Figura 2 – Área de plantio após 3 anos. É visível a presença de vegetação produtora de biomassa (capim, cosmos, margaridão, leguminosas, árvores de rápido crescimento). Há banana e mamão já em produção dentro da área (2012).



Figura 4 – Círculo em um Festival Agroflorestal, com a presença de visitantes. Elas explicam o que aprenderam. Assim, os aprendizados são consolidados e a autoestima, elevada, pois se sentem capazes por terem realizado na prática e poderem compartilhar seus aprendizados



Figura 3 – Plantio sendo realizado pelas educandas. Com a prática, além de técnicas de plantio, aprendem a observar, planejar, conviver, compartilhar aprendizagens.